



TRABALHO E TERRITÓRIO: UMA ANÁLISE TERRITORIAL ACERCA DA PREDOMINÂNCIA DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS NO MERCADO DE TRABALHO DE CANDELÁRIA (RS)

Roseana Isabel Vogt Ozório¹

Marco André Cadoná²

Resumo: O presente artigo analisa a predominância da indústria de calçados no mercado de trabalho de Candelária, no Rio Grande do Sul, sob uma perspectiva territorial. De natureza qualitativa e vinculado à dissertação de mestrado em Desenvolvimento Regional, o estudo baseou-se em sete entrevistas semiestruturadas com trabalhadores e trabalhadoras atuantes no setor em 2025, organizadas em quatro eixos: dados sociodemográficos, relações cotidianas de trabalho, processo produtivo e redes de suporte e cuidado. Os resultados apontam que 81,5% dos empregos industriais formais concentram-se no segmento calçadista, evidenciando extrema especialização produtiva. As trajetórias analisadas revelam que a permanência na indústria decorre da escassez de alternativas ocupacionais no território, e não de satisfação profissional, configurando a inserção como necessidade socialmente produzida. O estudo demonstra a articulação entre dinâmicas globais e peculiaridades locais, nas quais fumicultura e setor calçadista geram dependência estrutural e vulnerabilidade. Conclui-se que o mercado de trabalho de Candelária expressa contradições do capitalismo contemporâneo, reproduzindo simultaneamente postos formais de trabalho e formas de exploração e precarização.

Palavras-chave: Indústria de calçados; mercado de trabalho; município de Candelária (RS); território.

WORK AND TERRITORY: A TERRITORIAL ANALYSIS OF THE PREDOMINANCE OF THE FOOTWEAR INDUSTRY IN THE LABOR MARKET OF CANDELÁRIA (RS)

Abstract: This article analyzes the predominance of the footwear industry in the labor market of Candelária, Rio Grande do Sul, from a territorial perspective. Qualitative in nature and derived from a master's thesis in Regional Development, the study was based on seven semi-structured interviews with workers active in the sector in 2025, organized into four axes: sociodemographic data, daily work relations, the production process, and support and care networks. The findings indicate that 81.5% of formal industrial jobs are concentrated in the footwear segment, demonstrating extreme productive specialization. The analyzed trajectories reveal that remaining in the industry stems from the scarcity of occupational alternatives within the territory, rather than from job satisfaction, rendering labor insertion a socially produced necessity. The study demonstrates the interplay between global dynamics and local specificities, in which tobacco farming and the footwear sector generate structural dependence and vulnerability. It is concluded that Candelária's labor market expresses contradictions of contemporary capitalism, simultaneously reproducing formal employment opportunities and forms of labor exploitation and precarization.

Keywords: Footwear industry; Labor market; Municipality of Candelária (RS); Territory.

1 Introdução

O presente artigo aborda as relações entre trabalho e território sob a perspectiva de análise da predominância da indústria de calçados no mercado de trabalho do município de Candelária, no Rio Grande do Sul. O contexto apresentado revela contradições características do capitalismo contemporâneo, marcados pela concentração de oportunidades de emprego formal em um único setor produtivo e pelas condições de trabalho que frequentemente se apresentam precarizadas. O

¹ Mestra em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), com financiamento por meio de Bolsa 1 pelo Programa de Excelência Acadêmica (PROEX) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Advogada inscrita na OAB/RS sob o nº 106.315. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8432-6777>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8388818667094543>. E-mail: roseanaozorio.ppg@gmail.com.

² Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1580-5234>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3668627092629545>. E-mail: mcadona@unisc.br.



problema de pesquisa que motivou esta investigação emerge da tensão entre a centralidade econômica do setor calçadista para o município e as condições de reprodução social das famílias trabalhadoras que nele se inserem, configurando um cenário em que a dependência estrutural em relação ao setor convive com baixos salários, alta rotatividade e limitadas perspectivas de mobilidade social.

O setor coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul consolidou-se como referência nacional e internacional. Historicamente, o setor passou por fases como mecanização, expansão territorial e competitividade internacional. Esse processo envolveu transformações que incluem a flexibilização dos processos produtivos, a descentralização das unidades fabris para regiões com menor custo de mão de obra e a intensificação do controle sobre a força de trabalho mediante métodos tayloristas e fordistas. Em Candelária, essas dinâmicas se manifestam através da instalação de grandes fábricas a partir de meados da década de 2010, especialmente com a Calçados Beira Rio, e da dependência estrutural da população em relação aos empregos gerados pelo setor. A pergunta central que orienta este estudo é: como a predominância da indústria de calçados no mercado de trabalho de Candelária se articula com as condições territoriais, econômicas e sociais que constituem as trajetórias laborais das trabalhadoras e dos trabalhadores do município?

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como a organização espacial do capitalismo se reproduz em escalas locais, articulando dinâmicas globais de produção com especificidades territoriais regionais. Nesse aspecto, a pesquisa demonstra que Candelária apresenta uma configuração singular no Vale do Rio Pardo, onde a fumicultura domina a economia agrícola enquanto a indústria de calçados concentra o emprego formal urbano. Essa combinação produz um cenário de vulnerabilidade social em que grande parte da população depende economicamente de um setor marcado por condições laborais frequentemente desfavoráveis. Compreender essa realidade contribui para debates acadêmicos sobre desenvolvimento regional, geografia do trabalho e sociologia do trabalho, além de oferecer subsídios para formulação de políticas públicas locais que considerem as dimensões territoriais das questões trabalhistas.

Diante dessa problemática, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a predominância da indústria de calçados no mercado de trabalho de Candelária sob uma perspectiva territorial, compreendendo como essa concentração setorial se articula às trajetórias laborais e as condições de reprodução social das famílias trabalhadoras. Como objetivos específicos, busca-se: (i) contextualizar historicamente a consolidação do setor calçadista no Rio Grande do Sul e sua expansão territorial para municípios do interior; (ii) descrever a configuração do mercado de trabalho formal no município de Candelária com ênfase no segmento calçadista, analisando sua distribuição setorial e divisão sexual do trabalho; (iii) compreender as trajetórias laborais e as



estratégias familiares de ingresso e permanência na indústria a partir das narrativas dos próprios trabalhadores; e (iv) identificar as tensões entre capital e trabalho que se expressam nas condições laborais, práticas organizacionais e mobilizações sindicais no território.

Quanto à abordagem metodológica, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, com enfoque na compreensão das experiências subjetivas e das condições objetivas de trabalho a partir da perspectiva dos trabalhadores. Para a coleta de dados, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas que permitiram capturar a complexidade das trajetórias laborais e das relações de trabalho vivenciadas no município, combinadas com análise documental e dados estatísticos secundários. Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada para elaboração de uma Dissertação de Mestrado, em Desenvolvimento Regional, sobre assédio moral organizacional a partir das experiências de trabalhadoras e trabalhadores da indústria calçadista de Candelária, município localizado no Vale do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul. Para os fins dos objetivos definidos na Dissertação de Mestrado, da qual esse artigo é resultado, foram realizadas sete entrevistas semiestruturadas com trabalhadoras e trabalhadores que atuavam em 2025 na indústria calçadista, no município de Candelária, no Rio Grande do Sul. As entrevistas foram organizadas a partir dos seguintes eixos temáticos: dados sociodemográficos; experiência de trabalho e relações cotidianas; processo produtivo e condutas organizacionais; e reações, redes de suporte e práticas de cuidado.

A análise dos dados seguiu procedimentos de interpretação hermenêutica, considerando as narrativas dos participantes como fonte primária de informação sobre as dinâmicas territoriais e laborais. Além das entrevistas, foram consultados dados secundários provenientes de fontes oficiais, como o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE/CAGED), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e relatórios setoriais da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), permitindo a triangulação de informações e enriquecimento do panorama empírico. A estrutura do artigo organiza-se em quatro seções além desta introdução: a primeira contextualiza historicamente o setor calçadista no Rio Grande do Sul; a segunda analisa o mercado de trabalho de Candelária e a predominância do setor calçadista; a terceira examina as trajetórias laborais das trabalhadoras e dos trabalhadores entrevistados; e as considerações finais sintetizam os principais achados e suas implicações para a compreensão das relações entre trabalho e território.

Esta estrutura investigativa permite compreender não apenas os aspectos quantitativos da predominância da indústria de calçados, mas também as dimensões qualitativas que emergem das experiências concretas das trabalhadoras e dos trabalhadores. Dessa forma, o artigo contribui para o debate sobre trabalho e território, destacando como a organização capitalista da produção se articula com especificidades locais e regionais, reproduzindo tanto possibilidades de inserção laboral quanto formas de exploração e vulnerabilidade social.



2 O contexto histórico do setor calçadista no Rio Grande do Sul

O setor calçadista do Rio Grande do Sul se consolidou como referência nacional e internacional, especialmente pela capacidade de exportação e pela concentração de empresas no Vale do Rio dos Sinos, tornando-se símbolo da inserção internacional do setor, mas também palco de tensões sociais decorrentes da precarização das condições de trabalho. A lógica de cluster³ favoreceu a cooperação entre empresas, a difusão de tecnologias e a modernização produtiva, mas também reforçou práticas de disciplinamento e vigilância sobre as trabalhadoras e os trabalhadores, implicando em maior objetivação do processo de trabalho, reduzindo a subjetividade e a autonomia dos trabalhadores (Ruas, 1989, 1995). O processo de industrialização, no entanto, “percorreu um longo caminho até conquistar, de fato, o status de setor industrial” (Schneider, 1996, p. 307).

Segundo Schneider (1996, p. 307), a trajetória percorrida pelo setor coureiro-calçadista no Rio Grande do Sul pode ser identificada a partir de dois períodos: o primeiro, entre 1890 e 1930, quando o artesanato de couro e calçados, ainda disperso em pequenos ofícios rurais, conseguiu se afirmar de forma autônoma em relação às demais práticas artesanais; e o segundo, entre 1930 e 1970, quando houve um crescimento acelerado das atividades ligadas ao setor, com aumento significativo do número de estabelecimentos e maior absorção de trabalhadoras e trabalhadores em cada unidade. Nesse período, a região do Vale do Rio dos Sinos, especialmente o município de Novo Hamburgo, consolidou-se como o principal polo produtor de calçados do Estado (Schneider, 1996).

O primeiro período remonta à chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul, em 1824, na Real Feitoria do Linho Cânhamo, atual município de São Leopoldo, os quais foram trazidos pelo governo imperial com a missão de serem “um misto de colono e soldado”, capazes de “colonizar as terras da Serra e do Planalto, fornecendo alimentos para a população urbana da Província e, ainda, capaz de garantir a proteção do território português nas terras consideradas ‘devolutas’” (Schneider, 1996, p. 300-301).

Entretanto, desde o início, os colonos combinavam o cultivo da terra com atividades artesanais, como o curtimento de couro e a produção de calçados rudimentares, para garantir sua sobrevivência, sendo que o contexto social reforçava essa dinâmica, vez que as comunidades eram organizadas em povoamentos rurais dispersos, mantendo, portanto, intensas relações de parentesco, solidariedade vicinal, além de religiosidade. Festas como o Kerb, realizadas em

³ “CLUSTERS. [...]. No setor industrial, o termo é usado quando se deseja, por exemplo, destacar agrupamentos ou ramos industriais dedicados à exportação que tenham alguma característica comum, como o fato de ser produtos de consumo de massa, bens duráveis, semiduráveis etc.” (Sandroni, 1999).



agradecimento ao santo padroeiro pelas colheitas, eram momentos de reafirmação da identidade cultural germânica e de fortalecimento dos laços comunitários (Schneider, 1996). Essa sociabilidade coesa possibilitou que o “artesanato do couro-calçado, apesar de pulverizado e praticado em pequenos ofícios rurais” conseguisse “se autonomizar em relação às demais formas de artesanato rural” (Schneider, 1996, p. 307).

O segundo período, por sua vez, está relacionando ao “rápido crescimento das atividades ligadas ao artesanato do couro-calçados” (Schneider, 1996, p. 307). Nesse período, a produção de calçados deixou de ser apenas uma atividade complementar ao modo de vida colonial e passou a constituir um dos pilares da economia gaúcha, com forte impacto social e cultural. Schneider (1996) destaca que o contexto social e cultural dos colonos nesse período é fundamental para compreender a expansão do setor e, para tanto, destaca a figura do “colono-operário”, que, segundo ele, emergiu como resultado da articulação entre agricultura e indústria, na qual as trabalhadoras e os trabalhadores dividiam sua força de trabalho entre a agricultura e a fábrica.

Esse movimento coincidiu com a expansão do setor calçadista, cuja demanda por mão de obra cresceu significativamente a partir de 1968, impulsionada pela entrada do setor no mercado externo, através de políticas públicas de incentivo, que ofereciam benefícios fiscais e creditícios, em um contexto de necessidade de superávits comerciais para enfrentar a dívida externa, consolidando, assim, o Vale do Sinos como núcleo central da produção (Navarro, 2006; Schneider, 2004).

A partir dos anos 1970, o setor assumiu feições industriais plenas, o que resultou da convergência de dois fatores macroeconômicos. De um lado, diante da crise de realização enfrentada por setores dependentes do consumo das classes trabalhadoras, como têxteis, vestuário e calçados, agravada pela perda de poder aquisitivo decorrente da corrosão do salário mínimo, o Estado brasileiro assumiu papel decisivo na dinamização das indústrias e no incentivo às exportações de bens manufaturados. De outro lado, em consequência dessa política, as fábricas de calçados conquistaram espaço significativo nos mercados dos países capitalistas do Norte Global, especialmente nos Estados Unidos. Essa internacionalização levou o setor coureiro-calçadista gaúcho a promover uma rápida transformação na sua base tecnológica e na sua estrutura produtiva, inaugurando um período de forte expansão industrial.

Nesse contexto, foram introduzidos os métodos de racionalização dos processos de organização do trabalho da produção. A adoção do taylorismo-fordismo elevou significativamente a produtividade e ampliou a acumulação de capital, ao mesmo tempo em que aumentou de forma expressiva a absorção de mão de obra, esgotando em pouco tempo o contingente de trabalhadores disponível na região do Vale do Sinos (Navarro, 2006; Schneider, 1996).

A partir da década de 1980, o crescimento da demanda externa levou as empresas de



calçados a adotar novas formas de recrutamento da força de trabalho, o que resultou em estratégias específicas de desenvolvimento industrial e de regulação das relações de trabalho. Nesse contexto, as fábricas passaram a flexibilizar os processos produtivos e a descentralizar suas unidades para zonas periurbanas das microrregiões da Encosta da Serra, Vale do Caí e Vale do Taquari, privilegiando o assalariamento dos filhos de colonos residentes em áreas próximas. Essa flexibilização envolveu maior subcontratação de prestadores de serviços, como os ateliês de calçados, e a instalação de unidades que executavam apenas etapas do processo de fabricação. Entre os fatores que estimularam essa estratégia, estavam a absorção acelerada das tecnologias tayloristas, que atraíram migrantes em busca de emprego, gerando urbanização desordenada e favelização, além da busca por trabalhadores de baixo custo, mais facilmente disciplinados nas áreas rurais e da tentativa de escapar da crescente sindicalização e dos movimentos grevistas nos centros urbanos. Essa “interiorização” das empresas calçadistas também se relacionou aos incentivos oferecidos por prefeituras locais, como benefícios tributários, melhorias em transporte e comunicações (Schneider, 2004).

Os resultados da estratégia de interiorização das fábricas de calçados estavam, portanto, diretamente relacionados ao aumento da produtividade, vez que nas comunidades rurais, onde predominavam valores sociais rígidos e forte coesão moral, as indústrias encontravam condições favoráveis para instalar suas unidades, já que a rotatividade e o absenteísmo dos trabalhadores eram baixos. Assim, embora os salários pagos nessas unidades fossem iguais ou, em muitos casos, inferiores aos da matriz, a maior assiduidade e dedicação dos operários, somadas à redução de gastos com benefícios assistenciais e sociais, compensavam os investimentos realizados e garantiam taxas de lucro mais elevadas (Schneider, 2004).

A partir da década de 1990, no entanto, o setor calçadista brasileiro passou a enfrentar forte pressão competitiva no mercado internacional, especialmente pela entrada de países como China e Vietnã, que operavam com custos de produção muito mais baixos. Segundo a pesquisa realizada por Achyles Barcelos da Costa e Cristiane Froehlich (2007), em 1990, o Brasil “participava com 9,2% dos pares de calçados importados pelos Estados Unidos, reduzindo essa participação para 4,7% em 2004; já a China, no mesmo ano, representava 35,3% das importações norte-americanas, aumentando para 83,5% em 2004” (Costa; Froehlich, 2007, p. 5).

A pesquisa também apontou que os trabalhadores chineses enfrentavam jornadas de 10 a 12 horas diárias, com salários extremamente baixos e praticamente sem direitos sociais, o que tornava o custo de produção imbatível em segmentos de mercado sensíveis ao preço. Esse cenário levou à retração das exportações brasileiras e ao aumento da concorrência externa, retirando do Brasil o papel de grande exportador (Costa; Froehlich, 2007). O valor exportado, que havia atingido US\$ 1,8 bilhão em 1993, caiu para cerca de US\$ 1,2 bilhão em 1999 e manteve oscilações



durante os anos 2000, influenciado pela valorização do real e pela crise internacional de 2008 (Roehrig *et al.*, 2020).

Nesse contexto, atraídas por incentivos fiscais e pela oferta de mão de obra mais barata, contratada muitas vezes sob a forma de cooperativas, as empresas gaúchas deslocaram parte das unidades produtivas para o Nordeste brasileiro (Zingano e Oliveira, 2014). Outras fábricas, no entanto, passaram a descentralizar etapas da produção, ampliando a terceirização e a proliferação de ateliês e pequenas oficinas subcontratadas para realizar etapas específicas da produção (“facções”). Ao mesmo tempo em que essa realocação e essa fragmentação produtiva reduziram os custos da produção, mantendo o Brasil como um dos maiores produtores mundiais de calçados, contribuíram para o desmanche parcial do setor calçadista gaúcho e para a fragmentação dos postos de trabalho locais, gerando impactos sociais significativos, como aumento da rotatividade, fragilização da organização sindical, perda de direitos e instabilidade para os trabalhadores, o que intensificou a informalidade e a precarização do trabalho (Rodrigues, 2021; Roehrig *et al.*, 2020).

Os anos seguintes confirmaram a transição do mercado externo para o mercado interno. Em 2011, o Estado ainda produzia cerca de 185,9 milhões de pares de calçados, respondendo por aproximadamente 20% da produção nacional e mantendo 78,7 mil postos de trabalho formais. Contudo, apenas 15% dessa produção destinava-se ao mercado externo, evidenciando a dificuldade de competir internacionalmente diante da pressão dos calçados asiáticos, sobretudo os chineses, que chegavam ao Brasil com preços muito inferiores (Roehrig *et al.*, 2020). Entre 2017 e 2020, a dependência do mercado interno tornou-se ainda mais clara, e as empresas passaram a investir em diferenciação por meio de design, marcas próprias e diversificação de linhas de produtos (Roehrig *et al.*, 2020).

Nos últimos anos, o setor coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul passou um período de recuperação após os efeitos da pandemia. Em 2021, a indústria nacional ainda não havia retomado os níveis pré-pandêmicos, mas o Rio Grande do Sul seguia como um dos principais polos produtores, responsável por cerca de 20% da produção brasileira. A retomada, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), foi puxada pelo mercado externo, especialmente pelos Estados Unidos, que buscavam alternativas ao fornecimento asiático, o que favoreceu temporariamente os embarques brasileiros (Abicalçados, 2022). Em 2022, o setor registrou crescimento mais consistente, com produção superior a 820 milhões de pares no Brasil, e o Rio Grande do Sul manteve sua relevância como maior produtor fora da Ásia. O mercado externo foi novamente decisivo, com aumento das exportações entre 8,4% e 10,2% em relação a 2021, período em que houve um aumento na geração de empregos, com mais de 280 mil postos diretos no país, dos quais uma parcela significativa concentrava-se no Rio Grande do Sul (Abicalçados, 2022).



O ano de 2023, no entanto, foi marcado por uma nova retração. Segundo a Abicalçados, a base elevada de 2022, somada a problemas macroeconômicos nos principais mercados consumidores, resultou em queda nos indicadores de produção e exportação, e isso repercutiu diretamente no emprego, com redução de postos de trabalho e aumento da pressão sobre as condições laborais (Abicalçados, 2024). Em 2024, a produção nacional voltou a crescer, superando os níveis de 2019, sendo quase 90% absorvido pelo mercado interno. Esse crescimento trouxe ao setor certa estabilidade ao emprego, mas não eliminou os problemas estruturais, já que as condições de trabalho permaneceram pressionadas pela concorrência externa e pela informalidade em segmentos terceirizados (Abicalçados, 2025).

Esse o contexto histórico do setor calçadista no Rio Grande do Sul revela uma trajetória que vai das práticas artesanais dos imigrantes alemães à conformação de um complexo industrial integrado e competitivo, que passa pelas fases da mecanização, expansão territorial e inserção internacional, reproduzindo de forma intensa as transformações e contradições capitalistas vistas no capítulo anterior. De um lado, a busca por eficiência e inserção global, sustentada pela adoção de tecnologias e práticas organizacionais modernas; de outro, a intensificação da exploração e do controle sobre as trabalhadoras e os trabalhadores, que se traduz em precarização das condições de trabalho, intensificação dos ritmos produtivos, redução da autonomia e vulnerabilidade local e regional, sendo a partir desse contexto que se analisa, portanto, a indústria de calçados no município de Candelária.

3 A indústria de calçados no mercado de trabalho de Candelária

O município de Candelária está localizado na região do Vale do Rio Pardo, a qual tem sua história marcada por diferentes processos de ocupação e reorganização territorial: o desenvolvimento extensivo da pecuária; a concessão de sesmarias; a colonização açoriana a partir da instituição de pequenas propriedades e; a partir da segunda metade do século XIX, a chegada da imigração alemã (Hermann; Silveira, 2001). Dessa forma, assim como pode-se observar na região do Vale do Rio dos Sinos, os imigrantes alemães que ocuparam o Vale do Rio Pardo também trouxeram consigo práticas agrícolas, saberes técnicos e modos de organização comunitária que conformaram a região.

Atualmente, a Região do Vale do Rio Pardo detém forte relevância econômica e social através da indústria do tabaco, especialmente no município de Santa Cruz do Sul, que além de ser um dos principais polos da produção nacional de tabaco, também se configura como uma cidade média que conecta sua economia local e regional às dinâmicas globais. Em contraste, a maior parte da região é formada por municípios de pequeno porte, onde os empregos formais não possuem a mesma centralidade, sendo as ocupações agrícolas predominantes na estrutura produtiva do tabaco



e na sobrevivência das famílias (Cadoná; Freitas, 2024).

Sob a perspectiva do mercado de trabalho, essa configuração gera uma característica singular: a sazonalidade. Uma parte importante dos trabalhadores empregados nas indústrias de tabaco atua em empregos temporários, conhecidos como safristas, concentrados principalmente no primeiro semestre do ano, quando ocorre o pico da safra. No segundo semestre, muitos desses trabalhadores enfrentam situações de desemprego, disputando vagas em outras atividades ou permanecendo em espera pela próxima safra, na expectativa de serem novamente contratados pelas indústrias. Essa dinâmica evidencia tanto a dependência da região em relação ao setor fumageiro quanto a vulnerabilidade dos trabalhadores diante da instabilidade do emprego formal (Cadoná; Freitas, 2024).

O município de Candelária também se insere nessa lógica, tanto que, recentemente, a Câmara de Vereadores do município aprovou o Projeto de Lei nº 008/2025, que “declara a fumicultura como atividade de relevante interesse econômico, social e cultural no âmbito do Município de Candelária” (Portal Arauto, 2025). Entretanto, desde a segunda metade da década de 1990, os processos de concentração fundiária decorrentes dessa dinâmica econômica regional vinculada à fumicultura, que extrai o excedente do trabalho da agricultura familiar e detém o monopólio do mercado, diminuindo outras culturas destinadas à subsistência (Hermann e Silveira, 2001), levou a maior parte da população a concentrar-se no perímetro urbano do município (Prefeitura Municipal de Candelária, 2011).

Atualmente, a agropecuária (na qual se inclui a fumicultura) ocupa a primeira colocação sob o ponto de vista de sua contribuição no Produto Interno Bruto (PIB) do município (IBGE, 2022). No entanto, essa predominância também se constitui um como um dos marcadores de desigualdade socioeconômica no município, vez que, enquanto o PIB per capita em 2021 era de R\$ 34.255,30, o salário médio dos trabalhadores formais correspondia a apenas dois salários mínimos, sendo que cerca de 31,5% da população vivia com rendimento nominal mensal per capita de até meio salário mínimo (IBGE, 2022), revelando uma discrepância entre o desempenho econômico agregado e a renda efetivamente distribuída, o que se reflete nas condições de vida da população e, conseqüentemente, na ocupação de postos de trabalho marcados pela superexploração, como é o caso da indústria de calçados.

Como pode ser observado na tabela abaixo, os empregos formais na indústria correspondem a 44,1% do total de empregos formais existentes no município de Candelária, seguida pelos empregos no comércio (27,1%) e nos serviços (24,8%) (MTE, 2025).

Tabela 01 – Empregos formais no município de Candelária – jan. a dez. de 2025.

Empregos formais	Número	%
Setores		



Agropecuária	102	1,9
Indústria	2.326	44,1
Construção Civil	110	2,1
Comércio	1.432	27,1
Serviços	1.308	24,8
Total	5.278	100,0

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED, 2025. Dados organizados pelos autores.

Outro dado que merece atenção é o que reflete a divisão por gênero do trabalho presente no município. Com exceção da agropecuária e da construção civil, em todos os demais setores, incluindo a indústria, são contratadas mais mulheres do que homens.

Tabela 02 – Admissões por setor de acordo com gênero – jan. a dez. de 2025.

Empregos formais	Mulheres	Homens
Setores		
Agropecuária	4	34
Indústria	836	693
Construção Civil	5	55
Comércio	470	408
Serviços	327	313
Total	1.642	1.503

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED, 2025. Dados organizados pelos autores.

A indústria de calçados, por sua vez, tem uma importância significativa entre os empregos vinculados à produção industrial do município e, conseqüentemente, na empregabilidade das mulheres. Para se ter uma noção dessa importância, considere-se que, em 2025, dos 2.326 empregos formais vinculados à indústria no município, 1.894 (81,5%) eram empregos existentes no segmento de calçados (MTE, 2025). Uma relevância que decorre da existência de quase duas dezenas de fábricas de calçados no município, dentre as quais a mais importante é a indústria Calçados Beira Rio, a qual, em 2015, inaugurou sua primeira unidade de produção em Candelária; à época com aproximadamente 500 trabalhadores, num projeto empresarial que tinha como objetivo torná-la a maior empresa de calçados femininos do Brasil (Candelária, 2025).

Já em 2022, a indústria Calçados Beira Rio foi beneficiária do Fundopem/RS, mediante o recebimento de um incentivo fiscal no valor de R\$ 156 milhões do Estado do Rio Grande do Sul, dos quais R\$ 64 milhões foram destinados para a “inauguração da segunda unidade em Candelária, a qual previa 150 novos postos de trabalho diretos, além de outros 1680 indiretos, por meio de micro e pequenas empresas que integram a cadeia produtiva mobilizada pela Beira Rio na região” através da transferência de algumas etapas da produção, como costura e montagem dos calçados

(Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2022).

Além do uso de mão de obra terceirizada e quarteirizada⁴, através de micro empresas, ateliers, entre outras formas de contratação, a indústria Calçados Beira Rio “[...] adota conceitos da indústria 4.0, com aprimoramento e modernização de vários tipos de sistemas que, investidos nos processos e metodologia da empresa, aumentam a competitividade” (Jornal do Comércio, 2022), o que gera impactos diretos no agravamento das condições de trabalho e de vida da classe trabalhadora, devido ao aumento do desemprego e a instabilidade decorrente das novas formas de organização das relações sociais de trabalho (Queiróz *et al.*, 2024).

Nesse sentido, uma característica que merece atenção é o alto índice de volatilidade dos empregos formais no município. No acumulado do ano de 2025, o município de Candelária registrou 3.145 admissões e 3.279 desligamentos (MTE, 2025), sendo a maioria no segmento de calçados. Esse alto índice de volatilidade, portanto, deve ser tomado como uma singularidade que merece atenção, vez que está relacionada tanto ao contexto global de intensificação da superexploração do trabalho quanto aos contextos regional e local da organização da econômica, sendo o local uma escolha consciente da indústria calçadista, corroborada pelo próprio fundador e presidente da Calçados Beira Rio, Roberto Argenta, segundo o qual a empresa é “guiada pelo princípio do localativismo [sic]”⁵ (Freitas, 2025).

No entanto, ao mesmo tempo em que o setor garante empregos e dinamiza a economia local, também reproduz práticas de precarização laboral, assédio moral e intensificação do ritmo de produção. Nesse sentido, restrições ao uso do banheiro, jornadas extenuantes em pé e ambientes insalubres já foram objeto de denúncias e mobilizações sindicais, evidenciando tensões entre capital e trabalho (CNTRV, 2020).

Figura 01 – mobilização de trabalhadoras e trabalhadores da indústria de calçados Beira Rio em Candelária contra o assédio moral e por garantias de direito.



Fonte: CNTRV, 2020.

⁴ De acordo com o art. 4º-A da Lei n. 6.019/74, a “quarteirização” caracteriza-se pela situação em que “a empresa prestadora de serviços [terceirizada] [...] subcontrata outras empresas para realização desses serviços”, entre outras.

⁵ Atualmente, as fábricas estão instaladas em Novo Hamburgo, Igrejinha, Sapiranga (2), Osório, Teutônia, Candelária (2), Roca Sales, Mato Leitão e Santa Clara do Sul (Freitas, 2025).



Nesse contexto, observa-se que o mercado de trabalho de Candelária expressa contradições do capitalismo contemporâneo de forma articulada às singularidades regionais e territoriais que constituem o município, dentre as quais destaca-se agropecuária e a indústria fumageira. Diante disso, a análise acerca da predominância da indústria de calçados no mercado de trabalho de Candelária exige a compreensão entre as transformações nos modos capitalistas de produção com um olhar voltado ao território.

4 Trajetória laboral e ingresso na indústria calçadista: um olhar para quem vive o território

A análise das trajetórias laborais das trabalhadoras e dos trabalhadores entrevistados permite compreender não apenas os percursos individuais de ingresso na indústria calçadista, mas também os condicionantes sociais, econômicos e territoriais que definem caminhos de inserção da força de trabalho no município de Candelária. Mais do que escolhas estritamente individuais, os percursos ocupacionais observados revelam a influência das condições objetivas de existência, das oportunidades disponíveis no mercado de trabalho local e das estratégias familiares mobilizadas para garantir a reprodução da vida cotidiana.

As entrevistas evidenciam que o ingresso na indústria calçadista está relacionado às características da formação socioeconômica regional. Em um contexto marcado pela limitada diversificação econômica e pela centralidade do setor calçadista na geração de empregos formais, a fábrica aparece, para muitos trabalhadores e trabalhadoras, como uma das poucas possibilidades concretas de inserção laboral. Nesse sentido, as trajetórias analisadas expressam tanto os movimentos de deslocamento entre campo e cidade quanto as dinâmicas de permanência em um setor que ocupa posição estratégica na organização do mercado de trabalho local, refletindo a própria dinâmica histórica de interiorização produtiva descrita por Schneider (2004).

Ao mesmo tempo, os relatos revelam que a trajetória laboral não pode ser compreendida de forma dissociada das relações familiares, das responsabilidades de cuidado e das condições de mobilidade presentes no território. A proximidade entre moradia e local de trabalho, a necessidade de compatibilizar emprego e cuidados familiares, bem como as limitações impostas pela escassez de alternativas ocupacionais, constituem aspectos presentes nas experiências dos entrevistados. A partir dessas dimensões, torna-se possível compreender como a indústria calçadista não apenas absorve a mão de obra disponível, mas também participa da organização das condições de reprodução social das famílias trabalhadoras do município, estabelecendo uma interdependência entre a esfera produtiva e o espaço doméstico.

A relação entre território e trabalho emerge de forma recorrente nas trajetórias dos entrevistados. Os relatos indicam que o ingresso na indústria calçadista está frequentemente associado a processos de deslocamento espacial, especialmente entre o meio rural e o espaço



urbano. Mais do que um simples movimento migratório, tais deslocamentos expressam estratégias construídas pelas famílias diante das limitações impostas pelas condições de produção e reprodução da vida no campo, bem como pela busca de alternativas de inserção no mercado de trabalho formal.

As entrevistas evidenciam que a migração do campo para a cidade está relacionada à combinação de fatores econômicos e familiares. Em diferentes relatos, a permanência no meio rural aparece associada à baixa valorização do trabalho agrícola, às dificuldades enfrentadas pela agricultura familiar e à escassez de oportunidades de emprego não vinculadas à produção agropecuária. Como apontam Hermann e Silveira (2001), a expansão e o monopólio da fumicultura no Vale do Rio Pardo historicamente capturaram o excedente da agricultura familiar e restringiram as culturas de subsistência, impulsionando a concentração populacional nas áreas urbanas. Nessas condições, a cidade passa a representar não apenas um espaço de moradia, mas sobretudo um local de acesso a fontes de renda mais estáveis. A inserção na indústria calçadista, nesse contexto, constitui uma alternativa concreta para trabalhadores e trabalhadoras que buscam garantir sua subsistência diante das limitações encontradas no campo.

Ao mesmo tempo, as trajetórias analisadas revelam que a migração não elimina as contradições presentes no processo de reprodução social das famílias trabalhadoras. Embora a cidade ofereça maiores possibilidades de emprego formal, as oportunidades disponíveis permanecem concentradas no setor calçadista, restringindo as alternativas ocupacionais e contribuindo para a dependência em relação a esse segmento produtivo. Alguns relatos indicam, inclusive, movimentos pendulares entre campo e cidade, bem como o retorno de trabalhadores ao meio rural após experiências frustradas na indústria. Esses arranjos remetem diretamente à figura histórica do "colono-operário" discutida por Schneider (1996), na qual a força de trabalho se divide entre a lida agrícola e a jornada fabril. Essa oscilação também dialoga com a marcante sazonalidade da fumicultura regional, em que a instabilidade dos períodos de safra e entressafra empurra a população trabalhadora para ocupações industriais precárias (Cadoná; Freitas, 2024). Tais elementos sugerem que a migração não deve ser compreendida como uma transição linear em direção a melhores condições de vida, mas como parte de estratégias de sobrevivência construídas em um contexto marcado pela limitada diversificação econômica do território:

[Saímos do interior] pela dificuldade de morar no interior e por causa que os meus avós já eram de idade. Sempre morei a vida inteira com eles, então eles não tinham mais condições de trabalhar na lavoura, então nós decidimos vir morar na cidade. Eles vieram juntos. [...]. Tem muita gente que vem do interior para as calçadistas, entendeu, que fazem tem jornada dupla. Tem gente que ainda trabalha no fim de semana colhendo ou plantando fumo e trabalha na calçadista Y. Conheço muita gente que faz isso. Conheço pessoas que trabalharam meses, um dois anos, resolveram: - Ah não é mais fácil trabalhar na cidade - ; - Ah vamos largar o campo vamos morar na cidade -, mas não conseguiram ficar muito tempo, não, e voltaram no interior, porque no interior, a pessoa que trabalha no interior é puxado. [...]. No caso da safra paga um pouco, muito pouco, é por isso que as pessoas



buscam na cidade o que eles acham que não tem interior e daí acabam voltando muitas vezes para o interior, porque consideram que é mais difícil trabalhar dentro da indústria. É questão de salário e tratamento, mas mais é salário. Consegue então muitas vezes tirar mais no interior do que na indústria (Entrevista 6, 2025).

O relato evidencia que os deslocamentos entre campo e cidade não decorrem apenas da busca por emprego, mas também das transformações nas condições de reprodução das famílias rurais, como o envelhecimento e o falecimento de parentes que detinham os saberes agrícolas. Além disso, revela que a inserção na indústria nem sempre corresponde às expectativas de melhoria das condições de vida, produzindo trajetórias marcadas por idas, retornos e permanências condicionadas pelas oportunidades efetivamente disponíveis no território.

Como indicado, as trajetórias laborais analisadas evidenciam a centralidade da indústria calçadista no mercado de trabalho de Candelária. Em um contexto caracterizado pela limitada diversificação das atividades produtivas e pela reduzida oferta de empregos formais em outros setores, as empresas calçadistas assumem papel decisivo na absorção da força de trabalho local. Essa centralidade se manifesta tanto na elevada presença de trabalhadores que passaram pelo setor ao longo de suas trajetórias quanto na capacidade das fábricas de incorporar continuamente novos contingentes de mão de obra.

Os relatos indicam que o ingresso na indústria ocorre frequentemente sem a exigência de experiência prévia ou de qualificação específica, ampliando sua capacidade de recrutamento e tornando-a uma alternativa acessível para diferentes segmentos da população. Essa dinâmica decorre da própria organização taylorista e fordista consolidada no setor calçadista, pautada na fragmentação e simplificação de tarefas fabris (Navarro, 2006; Ruas, 1989), o que viabiliza a rápida absorção de trabalhadores jovens e egressos do meio rural. Corrobora-se, assim, a tese de Schneider (2004) sobre os objetivos da interiorização fabril: a busca do capital por uma força de trabalho abundante, de baixo custo e facilmente disciplinável pelas normas fabris. Ao mesmo tempo, essa facilidade de ingresso não significa necessariamente melhores condições de trabalho ou perspectivas de ascensão profissional. Pelo contrário, as entrevistas sugerem que a predominância do setor está associada à escassez de alternativas ocupacionais, fazendo com que muitos trabalhadores permaneçam nas fábricas não por identificação com a atividade desenvolvida, mas pela necessidade de garantir renda e estabilidade mínima para si e suas famílias:

[...] eu comecei a trabalhar lá com 15 anos. Daí ela [a mãe que também trabalhava na empresa] falava por mim, né? Porque eu não sabia o que fazer, eu não sabia, não sabia nada (Entrevista 1, 2025).

[...] recentemente tinha 13 ônibus de outras cidades. Então 13 ônibus... quase 800 pessoas. [...] Agora, se tu andar na rua, eu que tô há sete anos, eu ando na rua, todo mundo me chama colega ou colega, né? É raro as pessoas que já não passaram pela calçadista. [...] Então tu fica ali até tu conseguir algo melhor. Infelizmente, é isso. De ir pra outro lugar, ou até porque tem filho pequeno, precisa ficar na cidade (Entrevista 4, 2025).



[...] eu acho que eu era adolescente mais ou menos, estava no ensino médio. E aí terminou o ensino médio, enfim, né? Aquela coisa, né? Começar a trabalhar então, né? Daí meu pai queria que eu fosse trabalhar com ele [na calçadista], né? E aí eu fui, tinha 17 anos. Comecei. A [calçadista] até hoje, né? Pega menores de idade. Comecei com 17 na [calçadista]... daí na época nós [os pais] tinha se mudado para lá ficou morando lá um tempo. [...] (Entrevista 7, 2025).

A centralidade da indústria calçadista no mercado de trabalho local produz efeitos que ultrapassam a esfera estritamente econômica. Ao concentrar parcela significativa das oportunidades de emprego formal disponíveis no município, o setor passa a influenciar as estratégias familiares, os projetos profissionais e as possibilidades concretas de mobilidade ocupacional da população trabalhadora. Nesse sentido, a predominância da atividade calçadista não expressa apenas sua importância econômica para o município, mas também a dependência estrutural de grande parte das famílias em relação a um setor marcado por baixos salários, elevada rotatividade e limitadas perspectivas de progressão profissional. Traços esses que caracterizam a reestruturação e a fragmentação do trabalho calçadista gaúcho no cenário recente (Rodrigues, 2021; Roehrig *et al.*, 2020), configurando um cenário em que a permanência no trabalho industrial se apresenta, na maioria das vezes, como uma necessidade socialmente produzida.

Mas as entrevistas também revelam que as trajetórias laborais dos trabalhadores e das trabalhadoras da indústria calçadista são condicionadas pelas relações familiares e pelas responsabilidades de cuidado. Longe de constituir decisões exclusivamente individuais, as escolhas relacionadas ao ingresso, à permanência ou à mudança de emprego aparecem vinculadas às necessidades de organização da vida doméstica, à presença de filhos, à divisão das tarefas de cuidado e às possibilidades concretas de conciliar trabalho remunerado e reprodução familiar. Essa dimensão ganha relevância ainda maior diante do perfil de gênero verificado em Candelária, onde a indústria absorve majoritariamente a mão de obra feminina (MTE, 2025), sobrepondo as exigências da linha de produção às jornadas reprodutivas não remuneradas.

Nesse contexto, a família emerge simultaneamente como espaço de suporte e de condicionamento das trajetórias laborais. Em diferentes relatos, a proximidade entre residência e local de trabalho é valorizada não apenas pela redução do tempo de deslocamento, mas pela possibilidade de compatibilizar as exigências do emprego com as responsabilidades familiares. Da mesma forma, a presença de membros da mesma família atuando na indústria evidencia como a inserção no setor se constitui, frequentemente, em uma estratégia familiar de obtenção de renda e de enfrentamento das dificuldades econômicas, articulando laços de parentesco à dinâmica fabril conforme observado nas análises sobre comunidades industriais no Rio Grande do Sul (Schneider, 1996, 2004). A reprodução da força de trabalho, portanto, não se realiza apenas no interior das fábricas, mas também no âmbito doméstico, por meio de arranjos familiares que permitem a



permanência dos trabalhadores e das trabalhadoras no setor:

Eu fiquei 5 anos e 7 meses na empresa X, né? Ai, pra mim era bom ali, porque minha filha ainda era pequena e morava perto, então o intervalo do meio-dia eu podia ir em casa, fazer minhas coisas, levava na escola e trabalhar de novo, né? Na tardinha, pegar ela de volta, então fechava meus horários (Entrevista 3, 2025).

Sim, foi eu [que escolhi o turno da noite]. Pra ficar com a pequena [...]. Meu marido é caminhoneiro, né? [...] Daí eu escolhi pra ficar com essa pequena durante o dia (Entrevista 5, 2025).

Esses dois relatos indicam que a permanência na indústria calçadista não pode ser compreendida apenas a partir das condições oferecidas pelas empresas ou das características do mercado de trabalho local. Ela está igualmente relacionada às estratégias familiares construídas para garantir a reprodução cotidiana da vida. A proximidade entre moradia e local de trabalho, a necessidade de acompanhar o desenvolvimento dos filhos, a divisão das responsabilidades domésticas e a dependência da renda obtida nas fábricas constituem fatores que influenciam as decisões laborais. Nesse sentido, a família desempenha um papel ambíguo: ao mesmo tempo em que oferece suporte material e afetivo para enfrentar as dificuldades do trabalho industrial, também pode reforçar a permanência dos trabalhadores e das trabalhadoras em ocupações marcadas por baixos salários e condições frequentemente precárias, uma vez que a estabilidade da renda familiar passa a depender da continuidade desses vínculos empregatícios.

As experiências dos trabalhadores e das trabalhadoras entrevistados/as revelam, ainda, uma característica recorrente: a permanência na indústria calçadista é frequentemente marcada por uma relação contraditória entre necessidade econômica e desejo de desligamento do setor. Embora a atividade represente uma importante fonte de renda e estabilidade relativa em um mercado de trabalho local pouco diversificado, os relatos indicam que muitos trabalhadores não projetam seu futuro profissional na indústria, permanecendo nela enquanto não encontram alternativas consideradas mais vantajosas.

Essa permanência contraditória está associada tanto às condições concretas de trabalho quanto às restrições estruturais presentes no território. Os baixos salários, as limitadas possibilidades de ascensão profissional e a percepção de desvalorização do trabalho aparecem de forma recorrente nos depoimentos. As queixas quanto à intensificação do ritmo, à vigilância sobre os corpos e ao descaso com o adoecimento laboral expressam no cotidiano os mecanismos de controle e disciplinamento próprios da lógica produtiva calçadista (Ruas, 1989), agravados pela modernização tecnológica recente que intensifica as pressões produtivas sobre a classe trabalhadora (Queiróz *et al.*, 2024), bem como as denúncias históricas de assédio e restrições físicas no chão de fábrica do município (CNTRV, 2020). Entretanto, a escassez de oportunidades de emprego em outros setores faz com que a saída da indústria seja constantemente adiada. A



indústria calçadista passa, assim, a ocupar uma posição paradoxal: é simultaneamente percebida como fonte indispensável de renda e como espaço do qual muitos trabalhadores desejariam se desvincular:

Acostumei [com o ambiente]. É como eu te disse, eu gosto dos meus colegas, acostumei. Só que eu não estou gostando desse negócio que... a pessoa está doente, a pessoa está ruim, eles pegam e não... não afasta. Aí ainda diz... não. não tem... É, mas daí vai buscar no SUS e daí vai perder, aí não sei o que, perder rancho, perder tudo [...]. Não dão médico, [dizem] que não tem médico na firma, que eles não querem, né? [Perguntada, informou que se sente triste quando tem dores e a empresa nada faz] (Entrevista 2, 2025).

[...] eu fiquei uma semana e disse: nunca mais eu trabalho numa firma calçadista. Então eu vim pra cá e acabei ficando. A vida, né? [...] já há dois anos tentando sair, né? Há dois anos eu luto pra sair [...]. Então tu fica ali até tu conseguir algo melhor. Infelizmente, é isso (Entrevista 4, 2025).

[...] o salário é bem pouco, né? E como eu não estudei mais além pra me fazer alguma coisa, né? Entrar noutra área... Então é o que me restou por enquanto (Entrevista 3, 2025).

Os relatos permitem compreender que a permanência dos trabalhadores na indústria calçadista não pode ser interpretada apenas como resultado de decisões individuais ou preferências ocupacionais. Ela expressa, sobretudo, as condições estruturais que delimitam as possibilidades concretas de escolha da população trabalhadora em contextos marcados pela concentração das oportunidades de emprego em poucos setores econômicos. Conforme sinalizam Rodrigues (2021) e Roehrig *et al.* (2020), as pressões do capital sobre o setor coureiro-calçadista tendem a transferir a instabilidade para os trabalhadores por meio de rotatividade, rebaixamento salarial e precarização. Nesse sentido, a aparente estabilidade dos vínculos laborais observada entre parte dos entrevistados não corresponde necessariamente à satisfação com o trabalho realizado, mas revela formas de adaptação às restrições impostas pelo mercado de trabalho local. A permanência, portanto, assume o caráter de uma estratégia de sobrevivência socialmente produzida, evidenciando como a dependência em relação ao setor calçadista se reproduz não apenas pela oferta de empregos, mas também pela limitação das alternativas disponíveis fora dele.

5 Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo analisar a predominância da indústria de calçados no mercado de trabalho de Candelária sob uma perspectiva territorial, compreendendo como essa concentração setorial se articula às trajetórias laborais e as condições de reprodução social das famílias trabalhadoras. A partir da articulação entre dados quantitativos do mercado de trabalho formal e narrativas qualitativas de trabalhadoras e trabalhadores, conclui-se que o município apresenta um cenário de dependência estrutural em relação ao setor calçadista, configurando uma realidade em que a inserção laboral se torna menos uma escolha ocupacional e mais uma necessidade socialmente produzida.



Os resultados evidenciam que 81,5% dos empregos formais industriais no município concentram-se no segmento de calçados, demonstrando uma especialização produtiva extrema que condiciona as oportunidades disponíveis para a população trabalhadora. Essa concentração reflete dinâmicas históricas de expansão territorial do setor no Rio Grande do Sul, que desde a década de 1980 adotou estratégias de descentralização para regiões com menor custo de mão de obra, utilizando incentivos fiscais locais e buscando trabalhadores mais facilmente disciplináveis em contextos rurais e periurbanos. Nesse sentido, Candelária configura-se como parte dessa estratégia de interiorização das indústrias calçadistas gaúchas, sob predominância atual da Calçados Beira Rio S.A.

A análise das trajetórias laborais revelou que a permanência na indústria não decorre de satisfação com a atividade exercida, mas da escassez de alternativas ocupacionais no território. Os relatos dos trabalhadores entrevistados demonstram uma relação contraditória entre necessidade econômica e o desejo de desligamento do setor, evidenciando como a dependência em relação ao setor calçadista se reproduz não apenas pela oferta de empregos, mas também pela limitação das alternativas disponíveis fora dele. Essa contradição produz um cenário em que trabalhadoras e trabalhadores permanecem em condições de trabalho frequentemente precárias, marcadas por baixos salários, alta rotatividade e limitadas perspectivas de progressão profissional e mobilidade social.

A dimensão territorial emerge como elemento central para compreender essas dinâmicas. A proximidade entre moradia e local de trabalho, a necessidade de compatibilizar emprego e cuidados familiares, bem como as limitações impostas pela escassez de alternativas ocupacionais, constituem aspectos presentes nas experiências dos entrevistados. A família desempenha um papel ambíguo: ao mesmo tempo em que oferece suporte material e afetivo para enfrentar as dificuldades do trabalho industrial, também pode reforçar a permanência das trabalhadoras e dos trabalhadores em ocupações precárias, uma vez que a estabilidade da renda familiar passa a depender da continuidade desses vínculos empregatícios.

Além disso, os dados revelam que 44,1% dos empregos formais do município concentram-se na indústria, sendo que mais mulheres do que homens são contratadas na maioria dos setores, incluindo a indústria de calçados. Isso indica que o setor exerce predomínio na empregabilidade feminina local, mas simultaneamente reproduz desigualdades de gênero através da concentração em ocupações com menor valorização salarial e maior intensificação do ritmo produtivo. A volatilidade dos empregos formais, com mais desligamentos do que admissões em 2025, reforça a instabilidade estrutural do mercado de trabalho municipal.

As tensões entre capital e trabalho manifestam-se nas condições laborais e nas mobilizações sindicais, com denúncias de restrições ao uso do banheiro, jornadas extenuantes em



pé e ambientes insalubres. Essas práticas refletem processos de intensificação do controle sobre a força de trabalho e precarização das condições de reprodução social das famílias trabalhadoras. A adoção de conceitos da indústria 4.0, somada ao uso intensivo de mão de obra terceirizada e quarteirizada, agrava esses impactos, aumentando o desemprego e a instabilidade decorrente das novas formas de organização das relações sociais de trabalho.

Nessa perspectiva, este estudo contribui para o debate sobre trabalho e território ao demonstrar como a organização capitalista da produção se articula com especificidades locais e regionais, reproduzindo tanto possibilidades de inserção laboral quanto formas de exploração e vulnerabilidade social. A análise proposta traz luz às contradições do desenvolvimento econômico local, revelando como a predominância de um único setor produtivo limita as possibilidades concretas de escolha da população trabalhadora e condiciona estratégias familiares de reprodução cotidiana.

Como limitações, reconhece-se que a amostra de sete entrevistas, embora suficiente para análise qualitativa, não permite generalizações estatísticas para toda a população trabalhadora do município. Nesse sentido, futuras pesquisas podem ampliar o número de participantes e incluir comparações com municípios da mesma região que apresentam perfis econômicos distintos. Adicionalmente, estudos longitudinais poderiam acompanhar as trajetórias laborais ao longo do tempo, capturando mudanças nas condições de trabalho e nas estratégias de reprodução familiar.

Por fim, este artigo oferece subsídios para reflexões sobre alternativas de organização produtiva mais sustentáveis e socialmente justas no território estudado. Políticas públicas locais que considerem as dimensões territoriais das questões trabalhistas, promovam a diversificação econômica e fortaleçam a organização sindical podem contribuir para reduzir a dependência estrutural em relação ao setor calçadista e melhorar as condições de vida da população trabalhadora.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (ABICALÇADOS). **Relatório setorial:** indústria de calçados do Brasil, 2022. Novo Hamburgo: Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, 2022. Disponível em: <https://www.abicalcados.com.br/publicacoes#widget>. Acesso em: 3 mar. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (ABICALÇADOS). **Relatório setorial:** indústria de calçados do Brasil, 2024. Novo Hamburgo: Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, 2024. Disponível em: <https://www.abicalcados.com.br/publicacoes#widget>. Acesso em: 3 mar. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS (ABICALÇADOS). **Relatório indústria de calçados:** Brasil 2025. Novo Hamburgo: Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, 2025. Disponível em: <https://www.abicalcados.com.br/publicacoes#widget>. Acesso em: 3 mar. 2025.

BRASIL. **Lei nº 6.019, de 3 de janeiro de 1974.** Dispõe sobre o Trabalho Temporário nas Empresas Urbanas, e dá outras Providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6019.htm. Acesso em: 17 dez.



2024.

CADONÁ, Marco André; FREITAS, Valter de Almeida. Enchentes e a dinâmica do mercado formal de trabalho no Rio Grande do Sul: uma análise a partir de municípios do Vale do Rio Pardo. In: **Revista observatorio de la Economía Latinoamericana**, Curitiba, v.22, n.8, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n8-185. Acesso em: 15 mar. 2026.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES DO RAMO VESTUÁRIO – CNTRV RS: **Calçados Beira Rio usa polícia para atacar trabalhadores em luta por direitos**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.cntrv.org.br/noticias/rs-calcados-beira-rio-usa-policia-para-atacar-trabalhadores-em-luta-por-direitos-0ac8/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

COSTA, Achyles Barcelos da; FROEHLICH, Cristiane. Trajetória empresarial em cluster calçadista brasileiro: o caso da Paquetá Calçados. Porto Alegre: **Ensaio Fundação de Economia e Estatística - FEE**, 2007. v. 29 n. 2, p. 385-408. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/view/2182/2574>. Acesso em: 1 dez. 2025.

FREITAS, Almir. Calçados Beira Rio S.A. celebra 50 anos. In: **Rádio Guaíba**, Porto Alegre, 2025. Disponível em: <https://guaiba.com.br/calcados-beira-rio-s-a-celebra-50-anos/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Desenvolvimento Econômico. **Beneficiária do Fundopem/RS, Calçados Beira Rio inaugura nova fábrica em Candelária**. 2022. <https://www.desenvolvimento.rs.gov.br/beneficiaria-do-fundopem-rs-calcados-beira-rio-inaugura-nova-fabrica-em-candelaria>. Acesso em: 16 dez. 2024.

HERMANN, Elisa e SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **As cidades e a urbanização do Vale do Rio Pardo**. In: SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da e VOGT, Olegário Paulo. Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. ISBN 85-85869-82-8.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades e estados do Brasil. **Candelária**. Brasília, DF: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/candelaria>. Acesso em 16 dez. 2024.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Calçados Beira Rio amplia produção com fábrica em Candelária**, 2022. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/anuario_de_investimentos_2022/2022/02/833752-calcados-beira-rio-amplia-producao-com-fabrica-em-candelaria.html. Acesso em: 16 dez. 2024.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO (MTE). Saldo por grande grupamento de atividade econômica. In: **Painel de informações do Novo CAGED**, 2025. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjojNWl5NWl0ODEtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YWl2IiwidCI6IjNlYzkyOTY5LTZhNTEtNGYxOC04YWVWM5LWVmOThmYmFmYTk3OCJ9&pageName=ReportSectionb52b07ec3b5f3ac6c749>. Acesso em: 15 mar. 2026.

NAVARRO, Vera Lucia. **Trabalho e trabalhadores do calçado: a indústria calçadista de Franca (SP): das origens artesanais à reestruturação produtiva**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

PORTAL ARAUTO. **Projeto de lei reconhece relevância da fumicultura em Candelária**. 4 set. 2025. Disponível em: <https://portalarauto.com.br/04-09-2025/projeto-de-lei-reconhece-relevancia-da-fumicultura-em-candelaria/>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANDELÁRIA. **Dados da População de Candelária Censo: 2010, 2011**. Disponível em: <https://www.candelaria.rs.gov.br/noticias/518#:~:text=O%20n%C3%BAmero%20total%20de%20habitantes,e%20na%20%C3%A1rea%20rural%2010.786.&text=Veja%20no%20gr%C3%A1fico%20abaixo%20o,n%C3%A3o%20de%20faixa%20em%202012>. Acesso em: 20 nov. 2024.

QUEIRÓZ, Maria de Fátima Ferreira; SOUZA, Edvânia Ângela de; REGINALDO, Ifayemi Olatunde Regis. Indústria 4.0 e trabalho 0.4: colonialismo digital e a intensificação do trabalho. In: **Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 147(3), 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.387>. Acesso em: 16.12.2024.

RODRIGUES, Haidée de Caez Pedroso. Crise do capital e impactos da reestruturação produtiva na produção de



calçados. In: FELIX, Gil (org.). **Dependência, Estado e superexploração do trabalho no século XXI**. Bremen: Coletivo Veredas; El Tiple, 2021. 239 p. e-book. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/245531>. Acesso em: 01 dez. 2025.

ROEHRIG, Alessandra; RUFFONI, Janaína; GARCIA, Renato. Como vai o supercluster calçadista do Rio Grande do Sul? Uma análise da sua transformação estrutural recente (1995-2017). In: **Texto para Discussão**. Campinas: Instituto de Economia – Unicamp, 2020. n. 385. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD385.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2025.

RUAS, Roberto. Efeitos sobre o processo de trabalho: condições objetivas de controle na indústria de calçados. 3. ed. Porto Alegre: **Ensaios Fundação de Economia e Estatística – FEE**, 1989.

RUAS, Roberto. O conceito de cluster e as relações interfirmas no complexo calçadista do Rio Grande do Sul. In: FENSTERSEIFER, Jaime (org.). **O complexo calçadista em perspectiva: tecnologia e competitividade: um estudo sobre a competitividade da indústria calçadista sob a ótica da tecnologia**. Porto Alegre: Ortiz, 1995. p. 55-96.

SANDRONI, Paulo (org.). **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Editora Best Seller, 1999.

SCHNEIDER, Sérgio. Os colonos da indústria calçadista: a expansão industrial e as transformações da agricultura familiar no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: **Ensaios Fundação de Economia e Estatística - FEE**, 1996, p. 298-322. Disponível em: <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/viewFile/1846/2215>. Acesso em: 1 dez. 2025.

SCHNEIDER, Sérgio. O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. In: COSTA, Achyles B. da; PASSOS, Maria Cristina (org.). **Indústria de calçados no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2004, p. 25-49. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2511/1/461406.pdf>. Acesso em 1 dez. 2025.

VENDRAMINI, Célia; TIRIBA, Lia. Classe, cultura e experiência na obra de E. P. Thompson: contribuições para a pesquisa em educação. **Revista HISTEDBR On-line**, n. 55, p. 54–72, 2014.

ZINGANO, Eduardo Mariante; OLIVEIRA, Júlio César de. Caracterização do complexo calçadista brasileiro e as causas da queda de seu desempenho na última década. **Estudos do CEPE**, [S. l.], n. 40, p. 278–309, 2014. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/cepe/article/view/5429>. Acesso em 1 dez. 2025.